Nicolas Behr (Nikolaus von Behr) nasceu em Cuiabá, em 1958. Cursou o primário com os padres jesuítas em Diamantino, MT, onde os pais eram fazendeiros. Mudou-se para Cuiabá aos 10 anos e queria ser geólogo, arqueólogo ou historiador. Mora em Brasília desde 1974. Lançou seu primeiro livrinho e best seller *Iogurte com Farinha*, em mimeógrafo, tendo vendido oito mil exemplares de mão em mão. Em 1978, após ter escrito *Grande Circular*, *Caroço de Goiaba* e *Chá com Parrada*, foi preso e processado pelo DOPS por "porte de material pornográfico", sendo julgado e absolvido no ano seguinte. Até 1980, publicou ainda dez livrinhos mimeografados. A partir desse ano passou a trabalhar como redator em agências de publicidade. Em 1986 abandonou a publicidade para trabalhar na FUNATURA – Fundação Pró-Natureza – onde ficou até 1990, dedicando-se profissionalmente, ao seu antigo hobby: produção de espécies nativas do cerrado.

Com a Língua Geral publicou *Brasiliada* e *Laranja Seleta*, este último foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura em 2008.

www.nicolasbehr.com.br

RUA DO MUNDO

Uma rua no mundo
é minha. Toda rua
tem um mundo que é seu.

Quando o mundo
na rua caminha, a rua
sozinha

sou eu. Na rua
e no mundo,
procuro o que é meu.

ISBN 978-85-60142-42-4
Língua Geral / Coleção Língua Real

meio seio

nicolas behr

nicolas behr

meio seio

Língua Geral

Ai que sentimento baixo essa inveja maldita de não ter escrito esses poemas tão tesudos e ao mesmo tempo tão delicados, tão exatos e tão molhados, que o poeta Nicolas Behr tem a audácia de fazer publicar agora sob o título de *Meio Seio*. Ah, mas ainda me paga esse Nicolas Behr. Faz tempo que o persigo, desde as priscas eras do começo dos anos 80 da decadência do inevitável fim do século passado, em que misturávamos tudo e principalmente o coletivo e o intransferivelmente pessoal. Tipo assim: foda-se a ditadura, foda-me a companheira. Com a ditadura, apesar do medo pânico, falávamos alto em megafones temerários cheios de microfonia. Com as companheiras, assim no plural e igualmente assustados, falávamos baixinho coisas cabeludas e recitávamos poemas... eróticos. Nicolas Behr é um dos pais da matéria. Para jovens nordestinos metidos a poetas, tinha de ser o máximo um galego cabeludo lindão que não era de São Paulo nem do Rio (o tal do eixo) e já tinha sido preso por publicar e vender seus próprios livros de poesia mimeografada em Brasília, a boca do lobo, a sede do regime militar. E era o máximo mesmo. A gente admirava o cara à distância, recitando seus poemas no meio da rua nas manhãs de sábado da capital paraibana. Ele, outros e nós mesmos. Mas Nicolas é uma espécie de lanterna na nossa procura de identidade, na busca de caminhos do que fazer, como fazer. Ilumina e confunde: encandeia. Um vaga-lume sem planos, que aparece cantando uma cidade planejada, um aeroplano poético dando rasantes na cidade-avião, com ardores de amante. É haja siglas de SQNs e asas incompreensíveis para não iniciados na arte de amar Brasília. Dova mesma vontade de se perder nela. Nos pontos gês que ele foi revelando para nós, generosamente. "Deve comer a cidade inteira pra escrever deste jeito sobre ela", fantasiávamos chauvinistas. Agora, que beleza, a musa e a blusa se alevantam para nos mostrar "meio seio". É a mulher que ele canta agora. Todas e uma só. A dele e a de todos. A que está dentro da gente, a que a gente quer entrar nela. A mulher de verdade, de corpo e alma, desejo e turbulência, atração e negaça. Sexo, enfim: essa elevada forma de amor que o moralismo e a pornografia insistem em combater. Mas, querem saber, *Meio Seio* recoloca as cartas e refaz o jogo. Dá vontade de ler mais coisas assim, de escrever. Uma vez mais, Nicolas nos desafia com sua lanterna. É mirar e o olho encandeiado molhar. Não só o olho. Porra, Nicolas, assim não dá. Quer dizer...

Chico César